



signos geográficos

Boletim NEPEG de Ensino de Geografia

ISSN: 2675-1526

www.revistas.ufg.br/signos

JUVENTUDES E ENSINO DE GEOGRAFIA: SUJEITOS, ESPAÇOS E SENTIDOS

YOUTH AND GEOGRAPHY TEACHING: SUBJECTS, SPACES AND SENSES

JUVENTUD Y ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: SUJETOS, ESPACIOS Y SENTIDOS

Shirley Alves Viana Vanderlei

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

shirleyviana@ifto.edu.br

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Universidade Federal do Tocantins

carolinamachado@uft.edu.br

Resumo: O artigo apresenta parte de uma pesquisa que se dedicou a refletir sobre a categoria juventude e suas relações com o ensino de Geografia. A pesquisa foi orientada pelo objetivo de analisar os sentidos que os jovens alunos da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) atribuem ao ensino de Geografia. Os resultados revelam que os jovens apresentam múltiplas identidades e concebem a escola, a educação e o ensino de Geografia sob distintos aspectos. Quanto ao ensino de Geografia, ficou evidente que os jovens gostam da disciplina e a reconhecem como importante para a compreensão dos problemas cotidianos. Percebe-se que a vivência cotidiana dos jovens oferece uma variedade de temas que podem ser trabalhados nas aulas de Geografia e que é necessário avançar neste tipo de pesquisa, pois as mudanças ocorridas, a partir da reforma do ensino médio, impõem novos caminhos tanto para os professores como para os alunos e compreendê-los é fundamental para desvendá-los.

Palavras-chave: jovens, práticas docentes, ensino, Geografia.

Abstract: The article presents part of a research that was dedicated to reflect on the youth category and its relation with the teaching of Geography. The research was guided by the objective of analyzing the meanings that the young students of Integrated Vocational Education at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Tocantins (IFTO) attribute to the teaching of Geography. The results show that the young people present multiple identities and conceive the school, the education and the teaching of Geography in different aspects. As for Geography teaching, it became evident that young people like discipline and recognize it as important for understanding everyday problems. It is noticed that the daily life of young people offers a variety of themes that can be worked on in Geography classes and that it is necessary to move forward in this type of research, because with the changes that have occurred since high school reform, it imposes new paths both for teachers as well as students and understanding them is critical to unraveling them.

Keywords: young people, teaching practices, teaching, Geography.

Resumen: El artículo presenta parte de una investigación que se dedicó a reflexionar sobre la categoría de jóvenes y su relación con la enseñanza de la geografía. La investigación se guió por el objetivo de analizar los significados que los jóvenes estudiantes de Educación Profesional Integrada en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Tocantins (IFTO) atribuyen a la enseñanza de la Geografía. Los resultados muestran que los jóvenes presentan múltiples identidades y conciben la escuela, la educación y la enseñanza de la geografía en diferentes aspectos. En cuanto a la enseñanza de la geografía, se hizo evidente que a los jóvenes les gusta la disciplina y la reconocen como importante para comprender los problemas cotidianos. Se ha notado que la vida diaria de los jóvenes ofrece una variedad de temas en los que se puede trabajar en las clases de Geografía y que es necesario avanzar en este tipo de investigación, ya que con los cambios que se han producido desde la reforma de la escuela secundaria, impone nuevos caminos para ambos. Tanto los docentes como los alumnos y su comprensión son claves para desentrañar.

Palabras-clave: jóvenes, prácticas de enseñanza, la enseñanza, Geografía.

Introdução

A juventude na contemporaneidade mostra-se diversificada em função do contexto social repleto de transformações, principalmente no que diz respeito ao acesso à informação. Para Cassab (2015, p. 139), “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam”. Nesse contexto, a escola tem como preocupação a busca pelo desempenho escolar dos alunos em sala de aula, mas se vê diante de grupos de jovens cada dia mais diversos.

O presente trabalho propõe-se a apresentar resultados da investigação sobre os sentidos que os jovens alunos da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (EPIEM) do Campus Porto Nacional do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) atribuem ao ensino de Geografia. Daí a importância de conhecer quem são esses jovens e qual o significado que a disciplina de Geografia tem para eles.

É comum ouvir que a escola é considerada um dos espaços de construção de relações sociais, de convivências entre seus sujeitos. Assim, pode-se analisar como os conteúdos vêm sendo trabalhados em sala de aula de forma a auxiliar os jovens na compreensão do seu espaço enquanto sujeito.

Quando se fala em espaço, especificamente o dos jovens, Cassab (2015, p. 139), afirma que “a juventude produz espaço e é igualmente condicionada pelas formas em que esse espaço é socialmente produzido e organizado”. É a partir da produção e organização do espaço que se formam essas juventudes diferentes, onde apresentam linguagens, gostos, músicas, comportamentos e culturas diferentes. Enquanto educadores, é preciso conhecer as diversas culturas juvenis para assim entendê-los melhor e contribuir mais com sua formação.

Diante da realidade educacional brasileira, são notórias as queixas por parte dos professores quanto à falta de interesse dos jovens em relação à aprendizagem. Nesse contexto, levantam-se as seguintes reflexões: o que faz esses jovens alunos saírem de casa todos os dias e ocuparem os espaços escolares? Eles têm interesse pelos estudos? O que está sendo ensinado é significativo para eles? A partir destas reflexões, toma-se como ponto de partida para esta pesquisa o questionamento: Quais sentidos os jovens alunos da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio do Campus Porto Nacional do IFTO atribuem ao ensino de Geografia? A partir do levantamento da problemática, o estudo norteou-se pelo objetivo geral de analisar os sentidos que os jovens alunos da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio atribuem ao ensino de Geografia.

De acordo com as informações do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI-2015-2019), a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica teve seu início em 29 de setembro de 1909, por meio do Decreto nº 7.566 que criou dezenove Escolas de Aprendizes Artífices, durante o governo do Presidente Nilo Peçanha. A partir dessas unidades de ensino, foram criadas as Escolas Técnicas Federais (ETF's), Escolas Agrotécnicas Federais (EAF's) e Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET's), hoje (a maioria) denominados Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia a partir da implantação da Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008, equiparando-os às universidades federais.

A Reitoria do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) tem sua sede localizada em Palmas. O IFTO é composto por sete campi: Araguaína, Araguatins, Colinas do Tocantins, Dianópolis, Gurupi, Palmas, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional e três Campi Avançados: Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão e Pedro Afonso, além de Pólos de Educação à Distância, conforme apresenta a Figura 1.

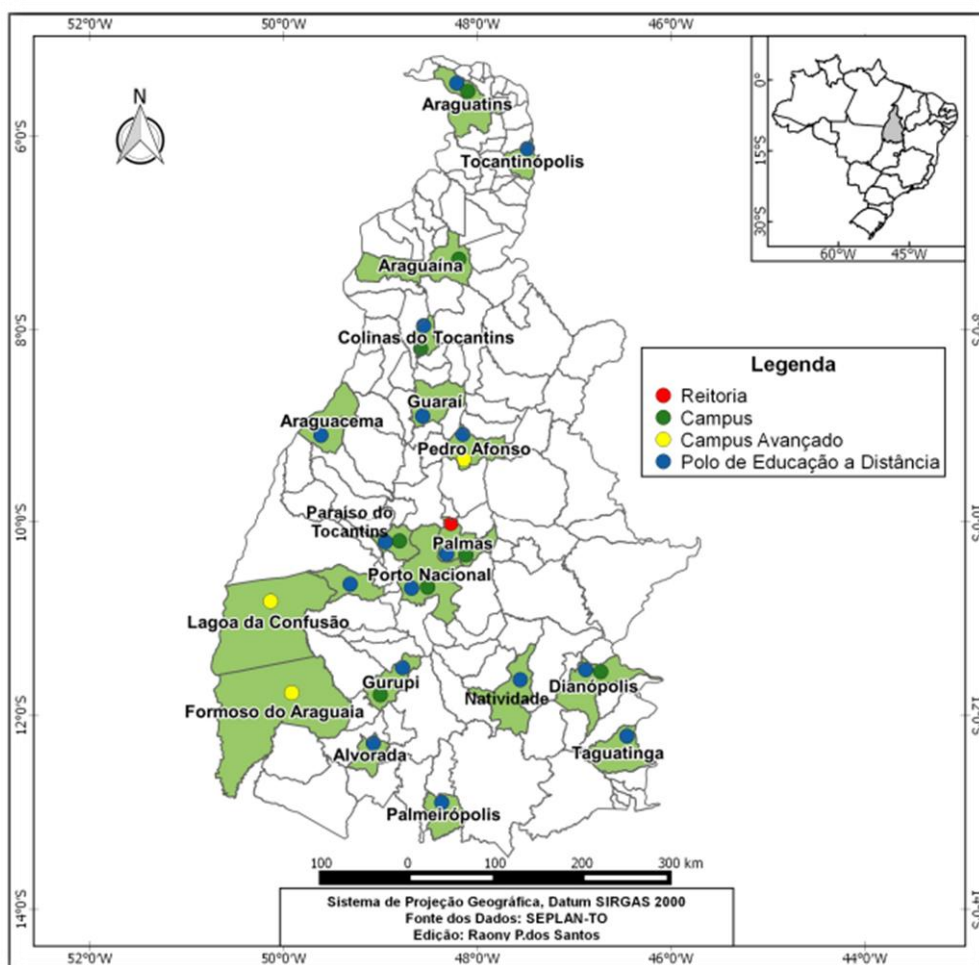


Figura 1 – Mapa de localização da Reitoria, Campi do IFTO e Pólos de Educação a Distância (Ead).
Fonte: Elaborado por Raony Pereira dos Santos (2017).

A cidade de Porto Nacional localiza-se a 64 km de Palmas, ligando-se a esta pelas rodovias estaduais TO 050 e 070. Ocupa localização estratégica para a Hidrovia Araguaia/Tocantins e para a Ferrovia Norte/Sul e, com isso, tem assistido ao crescente aumento populacional e ao incremento da dinâmica regional pautada em grande parte pelo agronegócio.

A implantação de um Campus do IFTO no município de Porto Nacional partiu das considerações e reivindicações do setor produtivo e, principalmente, do setor público do município e mesorregião. Objetivou-se atender a um dos objetivos postos na lei de criação dos institutos: possibilitar à região, por meio da oferta de cursos técnicos profissionais e profissionalizantes, de cursos superiores, inclusive de formação de professores, o atendimento às necessidades locais em favorecimento ao desenvolvimento socioeconômico local e regional.

Caminhos investigativos da pesquisa

Ao definir os caminhos da pesquisa, buscou-se como percurso metodológico a pesquisa participante, por meio de uma abordagem qualitativa, Oliveira (2011, p. 28), conceitua abordagem qualitativa “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Dentro das várias técnicas de se desenvolver uma pesquisa qualitativa, utilizou-se, para a coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, o questionário e a entrevista.

A pesquisa foi desenvolvida em três momentos, são eles:

a) **Estudo bibliográfico e elaboração do questionário:** Esta etapa compreendeu o levantamento e leitura bibliográfica de autores que discutem a Geografia, juventude e ensino de Geografia e que auxiliou na construção do referencial teórico e do tratamento e análise dos dados coletados.

Para o levantamento bibliográfico, foram utilizadas dissertações e teses referentes ao tema, disponibilizadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, artigos disponíveis em Revistas Eletrônicas e livros.

Para a elaboração do questionário, utilizou-se o modelo de perguntas que foi retirado da Dissertação de Mestrado de Oliveira (2015), com adaptações para adequar aos objetivos da pesquisa. O questionário foi elaborado com perguntas estruturadas e semiestruturadas.

b) **Aplicação do questionário e entrevista com o grupo focal:** O questionário foi aplicado no IFTO – Campus Porto Nacional com os jovens alunos da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, especificamente com as turmas da 3ª série (E.M.I – Administração; Informática para Internet e Meio Ambiente), de turno integral, totalizando 95 (noventa e cinco) alunos, pois já estão no último ano. Ou seja, eles estão concluindo a Educação Básica e já vivenciaram quase toda a sua etapa de formação na qual a disciplina Geografia está inserida. No entanto, apenas 56 (cinquenta e seis) alunos aceitaram participar da pesquisa, os quais responderam ao questionário apenas com as perguntas estruturadas.

O trabalho com o grupo focal, segundo Guimarães (2006), é um procedimento investigativo que se aproxima de uma entrevista coletiva. Sua utilização pressupõe a opção de coletar dados com ênfase não nas pessoas individualmente, mas no indivíduo enquanto componente do grupo. Esse procedimento possibilita também observar as reações dos diversos membros do grupo e os conflitos provocados pelas opiniões divergentes. Pelas

orientações metodológicas, o grupo deveria ser homogêneo e formado por no mínimo sete e no máximo doze componentes.

Foi formado um grupo de 12 (doze) alunos, 04 (quatro) de cada turma que aceitaram participar da entrevista e para isso foi elaborado um roteiro a partir das questões semiestruturadas que compunham o questionário.

c) **Análise e discussão dos dados:** De posse dos dados coletados, foi realizada a análise que gerou a construção da redação final da pesquisa sobre a qual são apresentados os resultados, conclusões e alguns apontamentos. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 45) “analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Os jovens contemporâneos e o ensino de Geografia

Ao propor investigar a relação que os jovens contemporâneos estabelecem com o ensino de Geografia faz-se necessário, primeiramente, conhecer esses jovens que chegam às escolas e adentram as salas de aulas. Para tanto, cabem alguns questionamentos: Quem são esses jovens? Que significados têm para eles a Geografia que estudam?

Na tentativa de compreendermos quem são esses jovens, é possível notar que se identificam por apresentarem uma linguagem própria, por gesticularem de maneira peculiar, por possuírem um modo de se vestir próprio, por escutarem músicas e por digitarem no celular. Essas são algumas das expressões dos jovens contemporâneos.

Expressões essas, entre tantas outras, que nada mais são do que diferentes práticas culturais do cotidiano desses jovens e que adquirem significados em contextos específicos, partilhados [ou não] com seus pares, e que às vezes, diante de tensões identitárias de toda ordem, levam a condutas compulsivas. (GARBIN; PEREIRA, 2014, p. 88).

Portanto, são expressões que apresentam os gostos diferenciados dos jovens, expressam seus territórios, suas marcas corporais e que contribuem para sua afirmação perante os demais.

O ensino médio no Brasil é composto por estudantes, em sua maioria, adolescentes e jovens, com idades entre 14 e 18 anos. É no ensino médio, portanto, que estão a vivenciar essa fase de transição entre a infância e a vida adulta.

Sendo a juventude uma fase de transição, a Geografia enquanto ciência social tem um papel importante a cumprir na formação desse jovem. De acordo com os PCN (2000, p. 30), ela é uma ciência do presente que objetiva “contribuir para um entendimento do mundo atual

e a apropriação dos lugares pelos homens, pois é através da organização do espaço que eles dão sentido aos arranjos econômicos e aos valores sociais e culturais historicamente”. Em outras palavras e com sentido semelhante a BNCC (2017, p. 357) propõe que “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta”. Sem entrar no mérito dos documentos curriculares e orientadores da educação básica, o fato é que a Geografia escolar é compreendida como disciplina capaz de apresentar o mundo aos alunos e como uma oportunidade de conhecer e refletir sobre as ações humanas no mundo.

Portanto, cabe questionar: Como essas questões relacionadas à juventude vêm sendo tratadas no ensino de Geografia? Como a Geografia vem sendo ensinada para esses jovens? O ensino de Geografia tem conseguido uma formação plena e cidadã aos jovens alunos? Os alunos, ao término do ensino médio, possuem um senso crítico frente às questões atuais e almejam mudanças?

Ao tratarem dos jovens da atualidade, Santos e Chaveiro (2016) os veem como personalidades criativas apresentadas no seu modo de vestir, nas amizades, nas músicas e no seu dia a dia. Mostram-se diversificados devido ao contexto social cheio de transformações, principalmente em relação ao acesso à informação, porém este ainda não é privilégio de todos. Assim, com o acesso à internet, os jovens buscam ampliar seus conhecimentos, bem como suas relações de amizade e essa forma de vivenciar a juventude diversifica suas identidades sociais.

Portanto, ao evidenciar a importância de uma melhor compreensão das juventudes, e para que isso ocorra de fato, faz-se necessário que o professor conheça quem são os jovens que frequentam as salas de aulas no ensino médio. No caso específico do professor de Geografia, Cavalcanti (2012, p. 116) sugere que “para além de compreender o jovem nos aspectos gerais [...] é importante, sobretudo, compreender suas práticas espaciais, pois elas são produtoras de Geografia”.

Diante das transformações com o advento da globalização, são necessários alguns questionamentos: qual é o papel da Geografia Escolar no mundo contemporâneo? Como ensinar Geografia para essas juventudes?

Quando a aprendizagem ocorre de forma crítica pressupõe-se uma construção em que o educando também faz parte do processo, portanto, a escola é entendida como um lugar de construção de conhecimento e não como uma mera transmissão de conhecimento. Em aproximação a esse entendimento, Freire (1996, p. 52) considera que o professor deve “saber

que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

No que se refere ao ensino de Geografia, Callai (2013) considera que a Geografia serve para conhecer o mundo para além da sala de aula e para isso o professor deve ter claros os fundamentos desta ciência, bem como as informações que são necessárias e que saiba analisá-las no contexto em que se inserem.

Para construir um ensino de Geografia com qualidade, significativo e criativo, Cavalcanti (2006, p. 71) apresenta a aprendizagem significativa como “o resultado da construção própria do conhecimento”. Inovar a prática em sala de aula não é uma tarefa fácil, exige tempo e dedicação, no entanto, muitos professores vêm desenvolvendo trabalhos relevantes, mesmo com a sobrecarga de trabalho.

Segundo Guimarães (2015, p. 43) “ensinar bem Geografia, no atual contexto, requer do professor muitas habilidades, envolvimento, domínio de conhecimentos e busca de inovação”. Qualquer ação que envolve o processo de ensino e aprendizagem requer responsabilidade, dedicação e principalmente o domínio do campo do saber por parte dos professores.

No entanto, no que tange à formação de professores, faltam investimentos na formação inicial e continuada de professores. Um ponto evidenciado nessa formação é que se ensinam várias teorias, porém sem nenhum tipo de relação com o ensino e nem com as realidades cotidianas do ofício de professor e mais, “a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação” (TARDIF, 2012, p.241).

Essa fragmentação também é percebida no ensino de Geografia, que, apesar dos avanços nos últimos anos, ainda carrega traços de um ensino tradicional. Na educação básica, os conteúdos ainda são trabalhados de forma fragmentada, parcelados e soltos; os conteúdos são baseados em informações que tão logo são superadas. Em relação à formação de professores, neste caso específico de Geografia, este também se apresenta de forma fragmentada (CALLAI, 2013).

Uma questão que não é objeto dessa pesquisa, mas que deve ser considerada, diz respeito à aprovação da Lei nº 13.415/2017, que normatiza as reformas do ensino médio e que também afeta a formação docente. Apesar de ainda não ter sido implementado, o novo ensino médio nas escolas públicas brasileiras, o governo federal já produziu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio que foi aprovada no final de dezembro de 2018.

Ainda na referida lei, o ensino de Geografia não é apresentado como componente com competências e habilidades próprias como foi realizado na BNCC do ensino fundamental. No ensino médio o componente curricular Geografia compõe a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ser jovem no olhar dos jovens participantes da pesquisa: os sentidos atribuídos ao ensino de Geografia e às relações com o espaço escolar

Na realização desta pesquisa, foi aplicado um questionário junto aos alunos dos três cursos técnicos integrados ao ensino médio do *Campus* Porto Nacional do IFTO. O presente estudo abrangeu um total de 56 alunos pesquisados, dentro de um universo de 94 alunos matriculados na 3ª série do ensino médio que estudam em tempo integral.

Dos 56 alunos participantes da pesquisa, mais da metade são do sexo feminino (65%), e os demais (35%) são do sexo masculino. Quanto à idade a maioria encontra-se com 17 anos (79%), conforme apresentado na Figura 2.

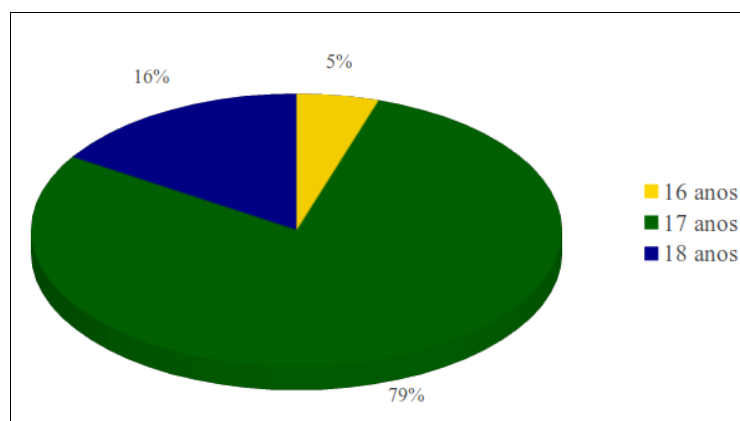


Figura 2 – Distribuição dos participantes por idade
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

Aos jovens sujeitos participantes da pesquisa, questionou-se: o que é ser jovem para você? A pergunta foi feita no intuito de saber como eles se veem e revelar quem são os jovens contemporâneos. Como se trata de uma questão aberta, eles ficaram à vontade para expressarem o que acreditam que eles mesmos são.

As respostas obtidas, por meio da entrevista, ajudam a reforçar a ideia de que o jovem contemporâneo apresenta-se como múltiplo, até mesmo ao se autodeclarar jovem. A seguir encontram-se os achados da pesquisa sobre o que é ser jovem, a partir do próprio olhar dos participantes.

- É difícil, é porque é diversas emoções ao mesmo tempo, você não é tão velho e tão novo. Você não sabe o que vai ser no futuro. É bem complicado, bem confuso;

- *Também tem a questão da pressão dos pais, você tem que ser alguém no futuro. Cursar uma faculdade decente. Você tem que se decidir logo o que você quer ser, é uma pressão muito louca;*

- *É um período complicado, você ainda está se descobrindo, ainda está tentando saber quem você é, mas jogam em cima de você que você já se decida agora pra você ser alguém. É como se fosse um período único em que você tem que decidir o que você vai ser na sua vida;*

- *Ser jovem é sempre estar buscando ultrapassar nossos limites e sempre estar aberto a mudanças e oportunidades. É querer ser independente, estamos em um constante desenvolvimento para conseguirmos o que queremos. Ser jovem é difícil e gratificante, pois nem sempre vai dar certo, mas continuamos fazendo nosso melhor;*

- *É agir. Pensar diferente. Ter uma disposição maior. Ter uma certa pró-atividade em certas coisas;*

- *Mesmo sendo jovem é difícil de explicar. Ser jovem é uma fase que você deixa de ser criança, que você está em um melhor momento de sua vida e você está se preparando para a fase adulta, que pode ser a pior fase de sua vida. Uma coisa praticamente eterna até você morrer. Ser jovem é uma coisa muito interessante, porque você pode fazer coisa que uma criança não poderia fazer, porque já tem uma responsabilidade e tal, mas ainda não tem a maturidade de um adulto. É uma fase transitória. É complicado de explicar;*

- *Ser jovem é ter um pouco mais de disposição e ter um objetivo. Os jovens quando se unem tem mais facilidade de conseguir algo do que criança ou até mesmo o adulto porque a força jovem é um pouco mais forte;*

- *Você tem mais disposição para fazer as coisas. É mais ativo em certas áreas da vida. É um momento de preparação pra vida adulta, onde você vai pensar nos seus sonhos. É uma fase de preparação para o futuro;*

- *É uma fase de muitos pensamentos na cabeça porque é uma fase de transição. Ao terminar o ensino médio a gente vai pensar na faculdade, como entrar na faculdade, então é uma explosão de pensamentos que a gente tá passando por causa dessa transição;*

- *É a fase mais importante da vida, porque é nessa fase que a gente toma decisão, o que irá acarretar as consequências lá no futuro, como a escolha de curso.*

Ao analisar as respostas, observa-se que são jovens que se mostram confusos diante das explosões hormonais características da fase; que sofrem devido às pressões em relação às decisões futuras, como é o caso da escolha profissional; que em meio às turbulências tentam se descobrir; que buscam ultrapassar limites e lutam por independência (às vezes pela própria condição juvenil que lhe é imposta); que reconhecem que já têm responsabilidades, mas ainda

não possuem maturidade; que acreditam na força jovem e que buscam equilíbrio para suportar as pressões que lhes são impostas.

Ao serem questionados sobre até quando eles acham que vai a juventude, observam-se diversas posições.

- *Até os 20 anos de idade;*
- *Até os 22 anos de idade, pois já decidiu o que quer;*
- *Até ter uma família, pois há uma responsabilidade maior;*
- *Pode ir dos 13 aos 18 anos ou mais;*
- *Vai além da questão da idade.*

Os jovens demonstram, por meio de suas respostas, o quanto são diversas as definições da categoria juventude. Dayrell (2003), argumenta que não é fácil construir uma definição de juventude, pois os critérios que a constituem são históricos e culturais. E atualmente, quem não quer ser considerado jovem? Nota-se uma constante busca por uma juventude prolongada.

Compreendendo a juventude como uma fase de transição, foi perguntado aos jovens: quais são seus sonhos? O que você quer estar fazendo em 5 anos? Percebe-se que as respostas estão ligadas às categorias: carreira profissional, trabalho, lazer e família.

Relacionadas à carreira profissional, os jovens afirmam o desejo de estarem cursando uma faculdade, vejamos:

- *Pretendo continuar estudando, pretendo fazer medicina;*
- *Estou indecisa em relação ao curso que quero seguir, mas meu sonho é ingressar na faculdade;*
- *Quero está cursando faculdade de medicina fora do Brasil, quero fazer medicina no Paraguai;*
- *Quero cursar faculdade, pretendo fazer o curso de Relações Internacionais.*

Quanto a categoria trabalho, os jovens demonstraram uma vontade de serem bem-sucedidos financeiramente.

- *Quero ser bem sucedida financeiramente;*
- *Ser bem sucedida em qualquer área que eu seguir;*
- *Pretendo criar meu próprio negócio, poder ser um cineasta...;*
- *Quero trabalhar, ter boas experiências, ser uma pessoa boa.*

Em relação ao lazer, os jovens indicaram o desejo de viajar, conhecer o mundo.

- *Conhecer o mundo, viajar, conhecer novas culturas, novos países, ter novas experiências;*

- *Meu sonho também é viajar, porque ficar presa só em uma cultura parece que você fica muito quadrado;*

- *Já o meu sonho é viver o presente ao máximo;*

- *Gostaria de viver o presente.*

Referente à categoria família – os jovens apresentaram um desejo em constituir uma família.

- *Ter uma família, casar;*

- *Eu quero mais pra frente já está realizando meu sonho de tá com uma família;*

- *Ter uma família;*

- *Eu quero ter uma família construída por mim.*

Entende-se que a juventude é uma fase em que os jovens pensam em seus objetivos e passam a lutar para que eles sejam alcançados, mesmo diante das dificuldades que a vida, às vezes, proporciona.

Na expectativa de identificar a relação dos jovens quanto à disciplina Geografia, foi elaborado o seguinte questionamento: “Sobre à disciplina de Geografia, você pode dizer que”: Foram apresentadas cinco opções de respostas, as quais seguem os percentuais encontrados.

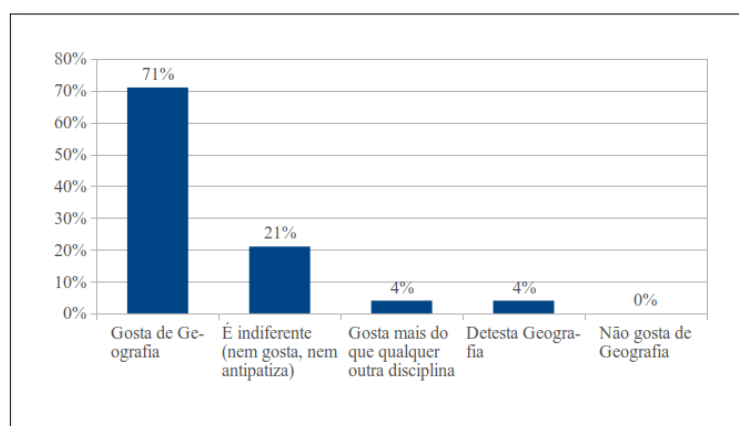


Figura 3 – Relação com a disciplina de Geografia
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

De acordo com os dados analisados, é perceptível que a maioria dos jovens tem uma relação positiva em relação à disciplina de Geografia ao afirmarem que gostam da disciplina (71%). No entanto, chamou atenção, também, o fato de 21% afirmarem serem indiferentes em relação à disciplina.

Durante as entrevistas com os jovens, pôde-se identificar em suas falas que esses dados são influenciados pela relação professor-aluno, conforme relatos abaixo.

- *Sempre fui indiferente, mas agora como a professora é muito boa, estou começando a despertar mais o interesse. Antes estudava pra tirar nota;*

- Não só a Geografia, mas qualquer matéria que é passada em sala de aula, ela vai depender muito do profissional [...], aí a gente vai gostar ou não. É um gostar que tá muito ligado à nota. Aí quando você não tira uma nota boa em certa disciplina, você é obrigado a entender a matéria. [...]. O professor tem que ter a capacidade de mostrar que é uma coisa diferente, você pode fazer por gosto e que você pode entender facilmente, então muda o conceito;

- Claro que é uma disciplina que a gente precisa saber para fazer ENEM, vestibular pra entrar na faculdade, mas o professor tem que ter a capacidade de mostrar que é além disso.

Nessa ótica, reforça-se a importância do papel do professor, visto que essa relação dos jovens com a disciplina se dá pela relação professor-aluno. Veja o que afirma um dos entrevistados ao falar da importância do professor de Geografia e do ensino dos conteúdos.

- Outra questão é a capacidade do profissional em transmitir a relação que a Geografia tem a ver com a realidade, com o mundo, isso é muito importante pra despertar o interesse, porque se ficar só no conceito, com muito conteúdo, não desperta o interesse no aluno.

Compreende-se também que o professor, neste caso específico de Geografia, pode despertar o fascínio de seus alunos em relação à sua disciplina, quando ele demonstra seu fascínio ou paixão pela sua área/ciência, porém, nem todos conseguem transmitir o que sentem em relação à sua área de formação.

Instigou-se os jovens a citarem três palavras que lembram a palavra Geografia. Foi montado um infográfico, Figura 4, para explicitar as três palavras que os entrevistados afirmaram que remete a ela. O infográfico foi utilizado para apresentar os resultados de forma diferente para uma melhor compreensão. Quanto maior o balão, maior o número de indicações das palavras pelos entrevistados.

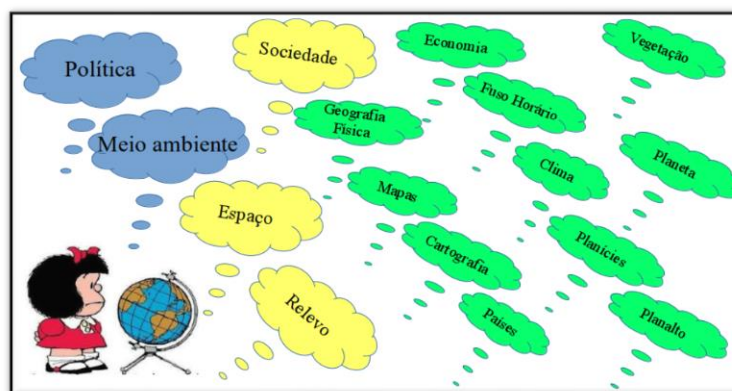


Figura 4 – Representa as três palavras que lembram Geografia
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

Política e meio ambiente foram as duas palavras que mais apareceram nas indicações dos entrevistados, seguidas das palavras: sociedade, espaço e relevo. Diante dos resultados, pode-se constatar que o ensino de Geografia tem caminhado, na instituição pesquisada, numa perspectiva de uma reflexão crítica da ciência geográfica, ao abordar temas relacionados aos problemas cotidianos.

Segundo Castrogiovanni (2007, p. 45): “O desinteresse dos alunos deve ser combatido com temas atuais, e pode-se procurar identificar as características do grupo para envolvê-los”. Quando o professor trabalha com projetos e/ou atividades que envolvem a realidade dos alunos, as aulas de Geografia deixam de ser meras repetições, memorizações e experiências desinteressantes e podem ter significações e fazer com que se sintam importantes e participantes no processo.

Durante a entrevista, foi perguntado aos jovens “o que é a Geografia para você?”, “Ela é importante para a sua formação?”, As respostas foram classificadas em duas categorias: a primeira, os que a veem como importante, pois conseguem através dela uma visão crítica da realidade e a segunda, apenas como disciplina escolar, ou seja, desconexa da realidade e mais descritiva.

a) os que veem a Geografia como **importante:**

- *Estuda o espaço físico e o que impõe as relações políticas e econômicas das pessoas que vivem nele;*

- *Estuda tudo, engloba tudo;*

- *É uma maneira de entender o mundo à minha volta;*

- *Pra mim Geografia é o estudo do que estamos vivendo atualmente, tanto político, quanto a formação do solo e da atualidade que estamos vivendo;*

- *É o que estuda os fenômenos naturais, o ser humano, o meio ambiente;*

- *É o estudo de tudo que está ao nosso redor. A Geografia não vai estudar apenas o chão que pisamos, mas ela vai estudar também os ventos, os países, o fuso horário e assim, é o estudo de tudo que está ao nosso redor e que é físico;*

- *É o estudo da Terra e dos fenômenos que ocorrem na Terra;*

- *Estuda sobre o espaço, relevo, clima, geopolítica (que é a parte mais interessante) e mapas.*

b) os que veem a Geografia apenas como **uma mera disciplina escolar:**

- *Vejo apenas como uma disciplina escolar;*

- *É uma disciplina que apresenta conteúdos, mas que não apresenta uma ligação com a realidade;*

- No dia a dia ninguém vai ligar não, a menos que aconteça um terremoto ali que aí todo mundo liga.

Ao se referirem à utilidade da Geografia para a sua formação, os jovens afirmaram que sim, a Geografia é importante para a sua formação, mas ressaltam a importância de unir a teoria com a prática, como pode ser observado nas falas de alguns jovens participantes da entrevista.

- Sim. Porém, sair da escola para observar é muito importante. A gente aprende aqui muito o blá, blá, blá, mas quando a gente vê pessoalmente não identifica o que é o quê. É bem legal;

- É importante o estudo da Geografia para que possamos entender os fenômenos que acontecem;

- Até mesmo para entender sobre os países, conhecer o estado que a gente vive;

- Entender os conflitos que ocorre hoje em dia.

No entanto, reconhecem que ainda há muito a melhorar no ensino de Geografia, pois ainda não se sentem capazes de relacionar os problemas cotidianos com a Geografia, como afirma outra jovem.

- Só que não sabemos interligar os problemas do dia a dia com a Geografia.

Quando o professor busca um caminho metodológico que trabalhe a partir da realidade do aluno e amplie as discussões para a realidade global, ele potencializa a aprendizagem.

Os jovens quando questionados “onde mais, além da sala de aula com o professor, é possível aprender Geografia?”, as duas alternativas que se destacaram foram: videoaula (49%) e internet (39%), conforme se pode notar na Figura 5. Os jovens afirmaram utilizar essa ferramenta como meio alternativo no processo de ensino e aprendizagem. Essa opção é utilizada mesmo sendo apenas para revisões que antecedem às avaliações escolares ou mesmo como revisão para ENEM ou vestibular (no caso das videoaulas).

Ao acessar à página do *YouTube*, é possível encontrar uma variedade de videoaulas (de Geografia – neste caso), no entanto, não são comparáveis às aulas de um professor em uma sala de aula comum. Elas são carregadas de “macetes”, pois têm como objetivo principal a preparação para ENEM, vestibular e até mesmo concursos.

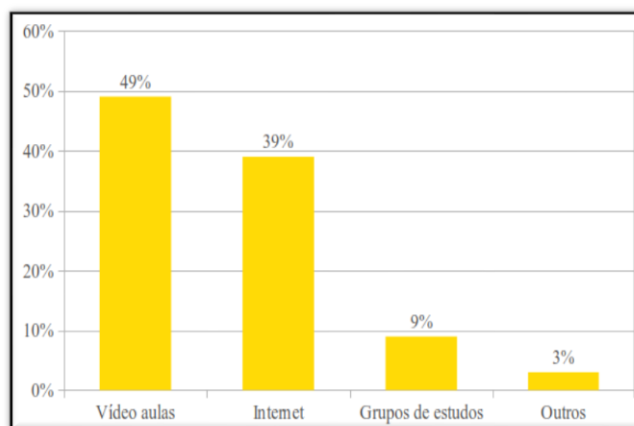


Figura 5 – Onde mais é possível aprender Geografia, além da sala de aula
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

É interessante analisar que os grupos de estudos também são meios alternativos para que os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem possam discutir com os demais colegas que dominam, de certa forma, o conteúdo e que pela facilidade de comunicação, ou mesmo por aproximação, podem contribuir no desenvolvimento da aprendizagem. No entanto, o que pode ser verificado é que os jovens gostam de estar juntos, porém para tratarem de outros assuntos que não sejam relacionados a conteúdos.

Entendemos que ensinar é um desafio, ainda mais em um mundo em que as mudanças ocorrem cada vez mais profundas e rápidas. Para Callai (2013, p. 104), “O desafio do novo estimula a ir adiante, [...] torna-se fundamental entender o que está acontecendo, ter instrumentos teóricos e metodológicos para analisar a realidade e compreendê-la como presente, carregada do passado e, especialmente com o olhar no futuro”.

Para tanto, deve-se pensar na formação dos profissionais geógrafos que atuarão no ensino, para que estes estejam abertos aos desafios que os esperam, pois “a vida é extremamente dinâmica e construída por diferentes processos, e não podemos esquecer que a Geografia faz parte dela”. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 43)

Existe um entendimento de que as antigas Escolas Técnicas Federais, hoje Institutos Federais, sempre foram reconhecidas pela qualidade na oferta do ensino profissionalizante, portanto, seria viável saber dos próprios alunos se esta instituição (Campus Porto Nacional do IFTO) é realmente boa. Por isso, foi perguntado aos jovens sobre a escolha em estudar no Campus Porto Nacional do IFTO, e o resultado surpreendeu, pois era esperado que a maioria respondesse por decisão dos pais, visto que se preocupam com o futuro dos filhos e conseqüentemente buscam o melhor para os filhos. No entanto, 72% afirmaram que foi por decisão própria.

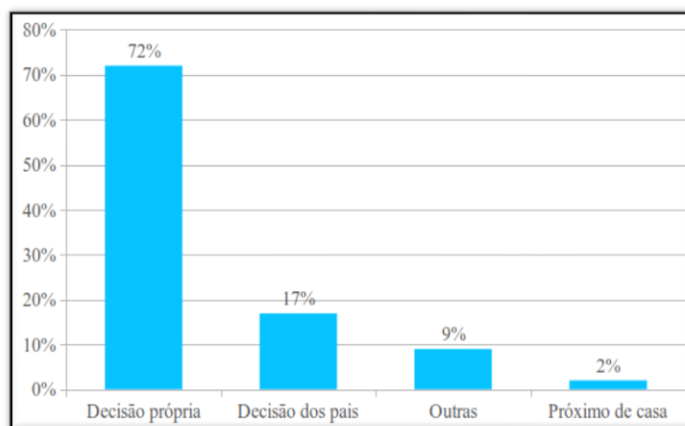


Figura 6 – Escolha pelo Campus Porto Nacional
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

Pode-se observar na Figura 6, diante do resultado expressivo (decisão própria), que existe, de alguma maneira, algo que atrai esses jovens a buscarem o ensino na instituição pesquisada. Diante do resultado, foi perguntado aos entrevistados o que os motivou a buscarem o ensino no Campus Porto Nacional do IFTO. As respostas foram:

- *O principal motivo da gente ter entrado é a referência. O IFTO, é referência. A gente entrou porque todo mundo falava: “O IFTO é o IFTO, entendeu?! Então a gente, é tipo uma coisa assim, pô vou estudar no IFTO”!;*

- *Só entrei porque queria sair da outra escola de qualquer jeito;*

- *Sem falar que o título de Instituto Federal é muito atrativo. A escola federal em comparação com a outra que eu estudava é muito diferente, o ensino é melhor, a estrutura;*

- *Você tem que se esforçar mais pra conseguir seu objetivo;*

- *Sem falar que um curso profissionalizante é muito bom para a nossa formação;*

- *É um passo à frente de uma pessoa que só tem o ensino médio.*

Também foi perguntado o que é mais gostoso vir pra escola, e as duas respostas que tiveram mais destaques foram: as amizades e a formação. Apresentam-se duas falas para representar as respostas.

- *As amizades, é o que nos motiva a gente vir pra cá todos os dias. É um lugar de estudo, de adquirir conhecimentos, e tá com os amigos, porque tem hora que a gente tá se preparando para uma prova a gente acaba juntando uma galerinha pra estudarmos; a gente tá ali tipo num clube social, na nossa amizade e tá estudando;*

- *Quando a gente sai da nossa casa e passa certo tempo estudando, adquirindo conhecimento, que a gente consegue aquele diploma de ensino médio concluído, a gente percebe que tudo isso é para nossa formação e pro futuro, porque vai nos ajudar, vai ser pra gente mesmo, a gente vai tá preparando nosso próprio futuro porque se você tem o ensino*

médio você pode fazer uma faculdade. Se eu tenho uma faculdade eu tenho uma boa profissão e é nisso que a gente pensa; se viermos pra escola, teremos um bom futuro.

Bem, não há muito a se discutir quanto à escolha dos jovens em relação à escola, pois não se pode negar que em relação às escolas públicas municipais e estaduais, as instituições públicas federais (ao menos em nosso estado) certamente oferecem uma melhor condição, tanto em relação a recursos humanos (professores na área de formação, pedagogos, psicólogos, assistente social, enfermeiro, entre outros), quanto a recursos físicos (boa estrutura, laboratórios – química, física, biologia e informática, entre outros).

Em relação aos espaços do Campus – além da sala de aula – que os jovens mais frequentam, das cinco alternativas que foram apresentadas o espaço de convivência foi o que obteve o maior número de respostas, conforme apresenta a Figura 7.

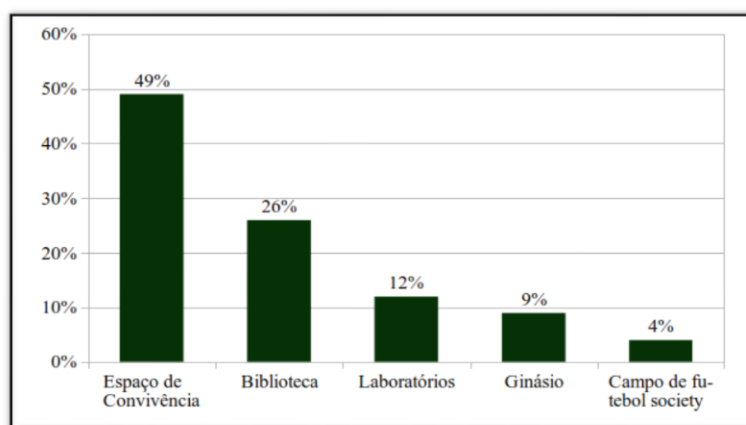


Figura 7 – Espaços do Campus que mais frequentam
Fonte: Elaborado por Shirley A. V. Vanderlei (2017).

No entanto, esse resultado não é surpreendente, visto que o espaço de convivência foi construído com o objetivo de promover um espaço de socialização e bem-estar para a comunidade escolar. Porém, chamou a atenção a quantidade de jovens que buscam o espaço da biblioteca, quando não estão em sala de aula (26%). Por meio desses dados, pode-se pensar que esses jovens procuram esse espaço para praticarem o ato da leitura ou mesmo para realizarem outras atividades que os professores solicitam, e, assim, aproveitam melhor o tempo que dispõem ao chegarem em casa para descansarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa procuramos refletir sobre os jovens contemporâneos e sua relação com o ensino de Geografia, devido às evidências que apontam a necessidade de

conhecer quem são esses jovens que estão no dia a dia em sala de aula e, assim, tornar a aprendizagem significativa.

Acreditamos que para se construir um ensino de Geografia de qualidade, que seja significativo e criativo, é importante pensarmos na formação do professor, nos programas de formações continuadas, e em um currículo que atenda às necessidades dos estudantes, entre outros.

Sobre os jovens contemporâneos, estes se apresentam em suas múltiplas identidades e seus diversos pertencimentos. No entanto, as escolas se veem diante de um grande desafio ao terem que lidar com uma juventude tão diversificada e por isso devemos reportá-la como juventudes, no plural.

Os jovens participantes da pesquisa são cheios de sonhos e pensam no futuro e tem esperança de que consigam realizá-los e nos tempos livres praticam atividades diversas e estabelecem relações por meio das redes sociais.

Em relação ao ensino de Geografia, ficou evidente que os jovens gostam da disciplina e reconhecem a sua importância para compreender os problemas que envolvem o cotidiano. Muitos veem o professor como uma figura importante para despertar o interesse do aluno ao saber transmitir a relação da Geografia com a realidade e com o mundo. Também gostam de assistir a videoaulas para complementar os estudos de sala de aula e como revisão para as provas.

Já em relação à sua escola, os jovens têm uma relação boa, o que pode ser identificado ao afirmarem que a escolha por estudar no Campus Porto Nacional do IFTO ocorreu por decisão própria. Ainda que tenham apresentado alguns fatores que os deixam insatisfeitos com a escola, reconhecem que ela tem um peso por ser uma instituição pública federal e em relação às demais escolas públicas oferece uma boa infraestrutura e um bom ensino.

A análise dos dados nos leva a concluir que os estudantes gostam de ir à escola, gostam de estudar e conhecer coisas novas. Os jovens pesquisados gostam de Geografia e compreendem a importância do estudo da Geografia para se informar, compreender o mundo e poder propor alternativas para os problemas da sociedade. A escola longe de ser enfadonha, tem se mostrado aos jovens estudantes do IFTO um espaço de aprendizagem e de satisfação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Homologado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>>. Acesso em: abr. de 2018.

CALLAI, Helena Copetti. *A formação do profissional da Geografia: o professor*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CASSAB, Clarice. *Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude*. In: CAVALCANTI, Lana; CHAVEIRO, Eguimar F.; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). *A Cidade e Seus Jovens*. Goiânia: Ed. da PUC, 2015. p. 137-158.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade*. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; REGO, Nelson; KAERCHER, Nestor André. *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. Porto Alegre: Artemed, 2007. p. 35-47.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino*. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). *Educação Geográfica: teorias e práticas docentes*. 2ª edição. São Paulo: Coleção Novas Abordagens. GEOUSP, v. 5, 2006. p. 66-78.

_____. *O ensino de Geografia na escola*. Campinas: Papirus, 2012.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, Set/Out/Nov/Dez, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GARBIN, Elisabete Maria; PEREIRA, Angélica Silva. *Música e identidades juvenis na cena cultural contemporânea*. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, vol. 17, n. 1, p. 87-95, jan/jun, 2014.

GUIMARÃES, Iara Vieira. *Questões sobre a formação de professores de Geografia*. In: BUENO, Míriam Aparecida; RABELO, Kamila Santos de Paula (orgs.). *Currículo, Políticas Públicas e Ensino de Geografia*. Goiânia: Ed. da PUC, 2015. p. 35-59.

GUIMARÃES, Valter Soares. *O grupo focal e o conhecimento sobre a identidade profissional dos professores*. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Orgs.). *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 149-163.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. *Somos Jovens: o ensino de Geografia e a escuta da juventude*. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_671256d28c5e851ce647a6d7b11d9253>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PDI. *Plano de Desenvolvimento Institucional (2015-2019)*. Disponível em: <<http://portal.ifto.edu.br/ifto/colegiados/consup/documentos-aprovados/pdi/plano-de-desenvolvimento-institucional-2015-2019.pdf/view>>. Acesso em: 19/05/2017.

SANTOS, Andrea Pereira, dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *A constituição das identidades juvenis na metrópole contemporânea: a interface entre lugares e práticas socioespaciais*. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES Lucineide Mendes (orgs.). *Os jovens e suas espacialidades*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016. p. 71-92.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Shirley Alves Viana Vanderlei

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins, pós-graduada em Psicopedagogia pela Eadcon, graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas. Atualmente é Pedagoga/Orientadora Educacional no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO.

Endereço postal: Av: Tocantins, Loteamento Mãe Dedé, Jardim América – CEP: 77.500-000, Porto Nacional – TO

E-mail: shirleyviana@ifto.edu.br

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, mestre em Geografia pela UNESP Presidente Prudente, graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é Professora Adjunta do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins Câmpus Porto Nacional, e, coordenadora do Laboratório de Práticas e Metodologias de Ensino de Geografia (LEGEO) na mesma universidade.

Endereço postal: 206 Sul, Alameda 12, Lt 8 – Edifício Napoli, ap. 504 – CEP: 77020-528 – Palmas - TO

E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

Recebido para publicação em 20 de julho de 2019.
Aprovado para publicação em 15 de outubro de 2019.
Publicado em 17 de outubro de 2019.